

A Pregação e o Perigo do Comprometimento

Kenneth A. Macrae

Ao considerar este assunto bastante prático, penso que um estudo sobre o apóstolo Paulo como o pregador ideal, observando especialmente seus métodos e princípios, nos será proveitoso. Em Gálatas 1, podemos obter certos princípios que influenciaram o apóstolo neste assunto. Dois princípios são revelados, em especial, nesse capítulo. O primeiro é a maneira como Paulo enfatiza o cuidado que devemos ter ao expor a verdade, tal como ela é apresentada na Palavra. Quando pregamos, precisamos ser cuidadosos para falar exatamente o que está registrado na Palavra de Deus. O segundo princípio enunciado aqui refere-se à atitude que devemos adotar para com aqueles que proclamam outro evangelho. Ao invés de encorajá-los, devemos evitá-los como pessoas sobre quem repousa a maldição do Senhor. A linguagem que Paulo utilizou nesta passagem é bastante severa. Ele disse que, se ele mesmo voltasse atrás e

pregasse um evangelho diferente daquele que já havia anunciado, deveria ser *anátema*. Mesmo se um anjo visse dos céus e pregasse *outro evangelho*, os crentes da Galácia não deveriam receber esse evangelho.

É óbvio que hoje Paulo seria visto como um extremista, pois vivemos numa época em que não há lugar para homens assim. Mas não desejamos chamá-lo de extremista. Podemos descrevê-lo como um homem sem rodeios; e isto é o que nossa época necessita, mais do que qualquer outra coisa, homens que sejam francos em proclamar o evangelho, tal como ele foi entregue aos apóstolos, pelo Espírito do Senhor, em sua própria Palavra.

Primeiramente, vejamos o que está implícito quando usamos a expressão “comprometimento na pregação”. Nisso, há dois fatores envolvidos. O primeiro é que existe uma norma ou um padrão que tem de ser preservado puro e completo. O ou-

tro fator implícito é que existe um poder ou uma influência contrária. Comprometer a pregação significa conceder tanto à influência ou ao poder contrário, a fim de que nosso ponto de vista ou nossa mensagem possa ser abraçada por aqueles que defendem o outro ponto de vista. É uma espécie de barganha. Isto é algo muito proeminente na vida contemporânea. Aonde quer que você vá, sempre encontra homens barganhando, a fim de que outros aceitem o que eles têm a dizer.

Isso existe em escala internacional. Estadistas se reúnem, por exemplo, de tempos em tempos, em diferentes partes do mundo; e, em todas as suas reuniões barganham na esperança de fazerem certas concessões, para cada lado, de modo a alcançarem algo que satisfará ambos os lados. Quando pensamos no relacionamento entre patrões e empregados, encontramos a mesma coisa. E no âmbito eclesiástico isso é ainda mais prevalente. Para que haja união entre as igrejas, espera-se que umas façam concessões a outras.

Expressando-o de forma mais clara e simples, comprometer significa dizer: “Se você me der dois centavos, eu lhe dou um centavo, e ficamos quites”.

Esse é o princípio que norteia o comprometimento; e a sabedoria desse mundo o aprova, dizendo: “Meio pão é melhor do que pão nenhum”. Se você se mantiver firme em seus prin-

cípios e recusar abrir mão de qualquer coisa, a outra pessoa será tão teimosa quanto você. Aonde você chegará? A lugar nenhum. Mas a sabedoria dos céus afirma algo diferente: “Ainda que nós ou mesmo um anjo vindo do céu pregue evangelho que vá além do que vos temos pregado, seja anátema”.

Quanto à pregação do evangelho, nossa norma ou padrão é aquilo que está declarado na Palavra de Deus, e, ao proclamarmos essa mensagem, nos defrontamos com muitas teorias contrárias propostas em nome do mesmo evangelho. É exatamente nisso que está o perigo. Os pregadores precisam ser cuidadosos em declarar todo conselho de Deus. Ao pregar o evangelho, precisamos ter o cuidado de pregar cada aspecto do evangelho. Não temos o direito de ignorar qualquer parte do conselho de Deus. Já ouvi alguém dizer: “Ah! eu creio na doutrina da eleição, mas não a proclamo”. Nenhum homem que, em nome do evangelho, anuncia a Palavra de Deus, tem o direito de reter

qualquer parte da Palavra e dizer: “Eu creio nisso, mas não o ensino, porque as pessoas não estão preparadas para aceitá-lo”. Deus sabe melhor do que nós. A doutrina da eleição está em

— ■ —
*Ao proclamarmos essa
 mensagem [o evangelho],
 nos defrontamos com
 muitas teorias contrárias
 propostas em nome do
 mesmo evangelho.*
 — ■ —

sua Palavra para ser anunciada por aqueles que proclamam essa Palavra. Temos de pregar todo o conselho de Deus, e não deve haver qualquer modificação nessa mensagem. Ele requer

que mantenhamos o padrão da Palavra que nos foi entregue — “Mantém o padrão das sãs palavras” (2 Tm 1.13).

Consideremos, em segundo lugar, como podemos comprometer o evangelho. Entretanto, antes de tratarmos deste assunto, permitam-me dizer que, como pregadores do evangelho, precisamos usar o bom senso. Não há qualquer ocasião para sermos desnecessariamente ofensivos. Alguns pregadores são descuidados na abordagem que utilizam. Parecem estar dizendo a coisa errada. Como pregadores, é provável que acabemos ofendendo alguém, e não somos capazes de impedi-lo. A fidelidade talvez exija isso, mas quero dizer que não devemos ser desnecessariamente ofensivos. Precisamos cuidar para não demonstrarmos preconceito; pois se despertamos preconceitos em nossos ouvintes, isso fechará a porta de suas mentes àquilo que temos a dizer-lhes. Precisamos cuidar também para não fatigar nossos ouvintes. Há alguns pregadores que têm dificuldade em saber quando parar. Lembro-me de nosso velho diretor McCulloch, de Glasgow, que costumava falar com freqüência acerca “daquele dom fatal da fluência”. Temos de usar nosso bom senso. Entretanto, no momento em que nos deparamos com outro evangelho, não podemos nos demorar pensando em evitar a ofensa. Temos uma batalha

a travar em nome de nosso Senhor.

De que maneira estamos sujeitos ao comprometimento? Podemos comprometer o evangelho ao procurar agradar nossos ouvintes. Gostamos de agradar as pessoas; isso é bastante natural. Ficamos felizes quando as pessoas dizem que apreciam nossa mensagem. Existe, portanto, o perigo de irmos longe demais ao procurarmos agradar nossos ouvintes. Talvez cheguemos ao ponto de nos afastarmos da verdade. Outra maneira de nos com-

■

A primeira coisa necessária na apresentação do evangelho é mostrar aos homens sua necessidade como pecadores.

■

prometermos é pregar apenas um aspecto do evangelho. Existem dois aspectos no evangelho: um é magnífico, o outro, tenebroso. As pessoas naturalmente gostam de ouvir sobre o aspecto magnífico do evangelho; gostam de ouvir sobre o amor de Deus, o poder de Cristo para salvar, as coisas que aguardam aqueles que se entregaram ao Senhor, a plenitude das promessas e assim por diante. Nós gostamos muito de ouvir essas coisas, mas não podemos negligenciar o outro aspecto do evangelho, onde existem as sombras. Temos de lidar com o pecado, revelando-o em sua triste realidade bíblica, como uma ofensa indizível à santa lei de Deus. Precisamos abordar as conseqüências da negligência ou da rejeição do evangelho, por parte de nossos ouvintes. Essas coisas não podem ser escondidas. Se pregarmos apenas um aspecto do evangelho, somos culpados de comprometimento.

Existe, também, o comprometimento de fazermos muitas concessões ao modernista. Para enfrentarmos o modernista, talvez achemos aconselhável fazer-lhe certas concessões. Mas não temos necessidade de ceder nada, porque, afinal de contas, nada temos em comum com ele. Ele é inimigo do Senhor Jesus Cristo e inimigo daquela fé que professamos. Não deveríamos tentar aprimorar o evangelho. Não podemos melhorá-lo; é presunção tentarmos melhorar aquilo que Deus, em sua perfeição, nos outorgou. Se começarmos a brincar com o evangelho, diminuindo aqui e acrescentando ali, para torná-lo mais aceitável aos nossos ouvintes, não podemos esperar que Deus abençoe aquilo que Ele não outorgou. Temos de pregar o evangelho assim como ele se encontra na Palavra de Deus; e, quando nos propomos a expor um texto, precisamos declarar exatamente o que o texto afirma.

Por que os homens esperam que nos comprometamos? A razão fundamental é que os homens, por natureza, possuem uma aversão inata pelo evangelho. Existem verdades agradáveis no evangelho; eles estão preparados para ouvir apenas essas. Há outras verdades, entretanto, que eles não estão preparados para aceitar. Em relação a estas, eles esperam

que nos comprometamos. Eles prefeririam que nada falássemos sobre tais verdades. Vejamos algumas verdades a respeito das quais eles esperam que comprometamos o evangelho:

A primeira é a doutrina da ruína do homem por causa da Queda — a total corrupção de nossa natureza.

Os homens gostam que mantenhamos oculta essa doutrina. Eles não gostam de ouvir que, através da Queda, perdemos a comunhão com Deus, estamos debaixo de sua ira, de sua maldição e somos incapazes de cumprir sua lei. Entretanto, devemos pregar essa verdade con-

tinuamente para que os homens compreendam que são pecadores. A primeira coisa necessária na apresentação do evangelho é mostrar aos homens sua necessidade como pecadores. Somente então eles podem valorizar o evangelho. Portanto, a doutrina da depravação total do homem é uma verdade que devemos proclamar constantemente logo de início, não importa em que situação esteja nosso auditório ou de quem ele seja constituído.

Outra verdade que espera-se não mencionemos é o fato de que as obras humanas são totalmente inúteis. Os homens não gostam de ouvir isso. Eles querem receber o mérito por suas boas obras. Estão procurando ser tão

— ■ —

*Vivemos em uma época
quando os pregadores
parecem tentar fornecer
um atalho para os pecadores,
trazendo-os a
Cristo por meio da
decisão, de modo que
o arrependimento
fique de lado.*

— ■ —

bons quanto podem e fazer tanto bem quanto são capazes. E, quando ouvem que isto não vale nada diante de um Deus santo, os homens sentem-se ofendidos. Mas é exatamente isso que os homens precisam ouvir hoje. Eles precisam ouvir que aos olhos do Altíssimo suas boas obras não passam de “trapos de imundícia” e que tais boas obras não lhes trarão qualquer proveito no que se refere à salvação de suas almas.

Há outra verdade sobre a qual as pessoas gostariam que não falássemos: o fato de que não temos nenhuma participação em nossa salvação. Os homens querem sentir que podem fazer alguma coisa. Desejam ter pelo menos uma pequena parte da glória de sua própria salvação. Mas devemos ensinar aos pecadores que eles não podem desfrutar a doçura da salvação do Redentor, enquanto não se prostrarem aos pés da soberana misericórdia de Jesus Cristo. Somos absolutamente dependentes da soberana vontade de um Deus misericordioso. Temos de proclamar isso e jamais ocultá-lo.

Também é muito desagradável aos homens ouvirem que, se desejam a salvação de suas almas, precisam separar-se do amor e da prática do pecado. Em outras palavras, eles precisam arrepender-se. Vivemos em uma época quando os pregadores parecem tentar fornecer um atalho para os pecadores, trazendo-os a Cristo por meio da decisão, de modo que o arrependimento fique de lado. O pecador tem de vir pelo caminho exposto na Palavra — o velho caminho do arrependimento, da tristeza e da separação do pecado.

Outra doutrina que eles prefeririam que não mencionássemos é a da eterna punição do pecado. As pessoas não querem ouvir sobre isso. Quanto menos pregarmos a esse respeito, maior aprovação teremos do povo. Mas precisamos ser fiéis, e, como mensageiros do Senhor, a aprovação que nos deve preocupar não é a dos homens, nem mesmo a do povo de Deus, e sim a aprovação de nosso Senhor.

Por último, consideremos o efeito do comprometimento. Comprometer o evangelho é o mesmo que ser infiel ao nosso Senhor e isto entristece o seu Espírito. Não importa o motivo que temos para o comprometimento (e talvez pensemos que estamos plenamente justificados por aquilo que já fizemos), se nos afastarmos um milímetro da doutrina das Escrituras, entristeceremos o Espírito. E o pior de tudo é que isso provavelmente afetará nossos ouvintes. Um pregador pode conhecer bem o evangelho e, apesar disso, ter aberrações em sua mensagem, como se estas fizessem parte do evangelho que ele prega. Em alguns aspectos, existe um toque de insanidade em algumas doutrinas proclamadas por ele. E mesmo que, de um modo geral, ele seja abençoado, os efeitos disso estarão presentes. O povo ficará desequilibrado em sua concepção da verdade do evangelho.

Lembro-me de algo que me contou um velho ministro que conheci na ilha de Arran. Ele tinha grande deleite em repetir citações de um pastor que o instruiu quando era jovem. O velho ministro costumava dizer: “Uma deformação no nascimento

acompanhará um homem durante toda a sua vida”. É lógico que ele dizia isto com um significado espiritual, embora isso também seja verdadeiro no âmbito natural e físico. Uma deformação no nascimento não apenas pode estar presente em toda a vida de um homem, mas também em uma comunidade de crentes. Se no início, quando o evangelho é recebido com poder, existir algo que não está de acordo com a Palavra, esse algo é capaz de produzir uma deformação espiritual, como se o desvio fosse próprio daquela comunidade.

Outra maneira pela qual o comprometimento poderá afetar nossos ouvintes é esta: quando estivermos procurando cercar o pecador com princípios da lei de Deus, atraindo-o a Cristo, divagamos e deixamos portas abertas; e, antes de podermos levá-lo a pensar mais profundamente, ele escapa por uma dessas portas. Portanto, o que precisamos fazer, em termos doutrinários, é limitar as divagações, permitindo que o pecador medite na lei; e, se o Espírito do Senhor estiver com o pregador, o pecador será conduzido até encontrar-se face a face com o próprio Senhor Jesus Cristo.

Além disso, se comprometermos o evangelho, entristeceremos os crentes maduros de nossas congregações. Estes podem detectar o comprometimento e serem por ele magoados. Mas, acima de tudo, destruímos a intimidade de nosso relacionamento com o Mestre. É algo doloroso quan-

do temos de pregar e estamos conscientes de que temos entristecido nosso Mestre. Pregamos e procuramos fazê-lo com fidelidade, mas por trás de tudo existe aquele sentimento de que Cristo ocultou-nos sua face. Quando Ele esconde o seu rosto de nós, perdemos nosso poder, nos sentimos fracos, desencorajados e sem ânimo.

Concluindo, precisamos enfatizar a necessidade de sermos fiéis.

Isto possui importância vital em nossos dias, por causa da força dos poderes que lutam contra nós. Precisamos vigiar atentamente nossos corações, pois é ali

que começa o comprometimento. Embora sejamos pregadores do evangelho, ainda é verdade que nossos corações são enganosos acima de todas as coisas e desesperadamente corruptos. Devemos almejar a fidelidade, mais do que o sucesso. Pense em Noé: ele pregou e foi descrito no Novo Testamento como “pregador da justiça”, mas que sucesso ele obteve? Quanto às conversões, a não ser em sua própria casa, ele não obteve qualquer sucesso.

Recordo-me de que, sendo ainda um jovem estudante de teologia, inesperadamente fui convocado a ocupar o púlpito da igreja que, quando menino, costumava frequentar. Era também a igreja onde o grande Dr. Kennedy realizara seu ministério. Senti-me desanimado só em pensar no assunto. Permaneci assim o dia todo e, após o culto da noite, senti-me grandemente perturbado, de-

— ■ —
*Somos absolutamente
 dependentes da soberana
 vontade de um Deus
 misericordioso.*
 — ■ —

primido, abatido. Um oficial da igreja, um homem de valor chamado Alexander MacLean, estava me esperando no gabinete pastoral. Ele era uma pessoa de grande estatura e gostava muito dos jovens. Quando entrei, ele simplesmente colocou seus enormes braços ao meu redor e disse: “Não se preocupe, meu jovem. Como dizia o Sr. Finlayson, de Helmsdale (o Sr. Finlayson é um dos destacados ministros do norte, e foi sob o ministério dele que Alexander MacLean obteve a bênção), não está escrito ‘muito bem, servo bom e bem-sucedido’, e sim ‘muito bem, servo bom e *fiel*’”. No último dia, o

que realmente será levado em conta não é o nosso sucesso, e sim a nossa fidelidade.

Nós, que vivemos nesta época tão tenebrosa e conhecemos tão pouco sucesso, se formos verdadeiros e fiéis, ao final de tudo chegaremos perante o Senhor e dEle receberemos um elogio em nossa frágil maneira de ser fiéis, no lugar onde Ele nos colocou. Oh! Quão necessária é a oração suplicando que isso aconteça! Temos grandes razões para confessar que, depois de haver buscado fazer a vontade do Senhor, ainda somos servos inúteis!

Sacrifício?

David Livingstone

Muitos falam do grande sacrifício que fiz em passar tantos anos da minha vida na África. Podemos chamar de sacrifício aquilo que pagamos como pequena parte do débito que devemos ao nosso Deus e que nunca poderemos pagar? É sacrifício aquilo que traz sua recompensa em atividade sadia, na certeza de estarmos fazendo bem, e uma brilhante esperança de um glorioso destino após esta vida?

Longe de nós tal palavra, tal ponto de vista, tal pensamento! Não é, certamente não é sacrifício, melhor dizendo — é um privilégio. Ansiedade, doença, sofrimento ou perigo de vez em quando, juntamente com a falta das comodidades e das atenções desta vida, podem fazer que cessemos nossas atividades e podem levar o espírito a vacilar; mas que isto aconteça apenas por um momento! Todas essas coisas são absolutamente nada, quando comparadas à glória que será revelada posteriormente em nós e para nós. Eu não fiz sacrifício algum! Nunca falaríamos em sacrifício, se pensássemos no grande sacrifício que o Senhor Jesus realizou, deixando o trono de seu Pai, nas alturas, para oferecer a Si mesmo em nosso lugar.

Arrependimento e Fé

Erroll Hulse

Estamos marchando com dois pés em direção ao céu. Um destes chama-se “arrependimento”; o outro, “fé”. Porque eu creio, arrependo-me de certo pecado, hábito ou atitude. Visto que me arrependo, procuro aprender mais para fortalecer minha fé. Esta me conduz a mais arrependimento. Esquerda, direita... esquerda, direita — um pé após o outro — fé e arrependimento, fé e arrependimento. Isto foi muito bem ilustrado no livro *O Peregrino*, de John Bunyan. Naquela história alegórica, Cristão arrependeu-se porque a Cidade da Destruição era maléfica. Isto o conduziu à fé. Ele pensou novamente e leu sua Bíblia, o que o levou à fé em Cristo. Esta, por sua vez, o trouxe ao arrependimento, que o motivou a abandonar a Cidade da Destruição. Com esses dois passos (arrependimento e fé), Cristão prosseguiu adiante, até à Cruz, onde seus pecados foram removidos. Em seguida, caminhou em direção à Cidade Celestial, arrependendo-se e crendo durante toda a jornada.

Um dos principais erros a evitarmos é a idéia de que precisamos acumular certa quantidade de arrependimento, antes que, de uma vez por todas, creiamos em Cristo para a salvação. De maneira alguma! A certeza da fé para a salvação é uma ordem divina: “Responderam-lhe: Crê no Senhor Jesus e serás salvo” (At 16.31). Se admitimos a idéia de que precisamos ter certa quantidade de arrependimento, antes que tenhamos a fé salvadora, onde isto nos conduzirá? Quem pode dizer-nos se já pensamos com suficiência ou demonstramos bastante tristeza em nosso reconhecimento e arrependimento do pecado? Se cremos que Jesus é o Filho de Deus, capaz e disposto a perdoar-nos e transformar-nos, isto em si mesmo constitui o arrependimento adequado para nos rendermos completamente a Cristo, por meio da fé.

The Great Invitation (Inglaterra, Evangelical Press, 1986), p. 58.

As Doutrinas da Graça e a Paixão pelas Almas dos Homens

John A. Broadus

*Porque eu mesmo desejaria ser anátema,
separado de Cristo, por amor de meus irmãos.*

(Romanos 9.3)

A preocupação com a salvação dos outros não é anulada pela crença naquilo que chamamos “As Doutrinas da Graça”. Tal preocupação não diminui por crermos na soberania divina, na predestinação e na eleição. Muitas pessoas demonstram intensa antipatia às idéias expressas nestes últimos vocábulos. Recusam-se a aceitá-las, porque, em suas mentes, tais idéias estão associadas ao conceito de indiferença apática. Estas pessoas dizem que, se a predestinação é verdadeira, conclui-se que um homem não pode fazer nada por sua própria salvação; se tiver de ser salvo, ele o será, não podendo fazer coisa alguma para isso, nem ele nem qualquer outra pessoa precisa se importar com isso.

Mas isto não é verdade; eu o provarei mediante o fato de que o próprio Paulo, o grande porta-voz dessas doutrinas nas Escrituras, pronunciou essas palavras de interesse e amor ardente, em favor da salvação dos outros, vinculando-as intimamente às

passagens em que ele ensinou as doutrinas da graça. Volte os seus olhos a algumas frases anteriores a Romanos 9.3 e encontrará a própria passagem sobre a qual muitos tropeçam. “E aos que predestinou” — muitas pessoas estremecem ao ouvir essas palavras — “a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou” (Rm 8.30).

Apenas um pouco depois de Paulo ter proferido essas palavras, das quais muitos pretendem inferir a idéia de que, crendo nelas, o homem não precisa se preocupar com a sua salvação ou com a salvação dos outros, vieram aquelas palavras cheias de paixão que constituem nosso versículo-texto. E isso não é tudo, pois você encontrará logo em seguida, o texto onde Paulo falou sobre Esaú e Jacó, afirmando que Deus estabeleceu uma diferença entre eles, antes mesmo de nascerem, e onde disse, a respeito de Faraó, que Deus o havia levantado para demonstrar o Seu po-

der e declarar o Seu nome em toda a terra. “Logo, tem ele misericórdia de quem quer e também endurece a quem lhe apraz.” Algumas boas pessoas chegam a estremecer diante da inferência que lhes parece inevitável de uma linguagem como esta. Mas eu digo que esta inferência deve estar errada, pois o homem inspirado, que proferiu essas palavras, apenas alguns momentos antes havia pronunciado as palavras de nosso versículo-texto.

E, sempre que você perceber que seu coração ou o coração de um amigo está propenso a fugir desses grandes ensinamentos das Escrituras divinas, com relação à soberania e a predestinação, então eu oro para que você não discuta sobre isto, mas que se volte a esse texto bíblico, expresso em linguagem de tão grande preocupação em favor da salvação dos outros, de forma tão intensamente cheia de paixão, que os homens se admirarão e certamente dirão que tais palavras não podem significar o que

elas realmente dizem. O problema é que neste caso, e em muitos outros, tiramos inferências sem fundamento dos ensinamentos da Palavra de Deus e jogamos todo o nosso ódio para com essas inferências sobre as verdades que delas extraímos. Ora, qualquer coisa considerada como verdade, a favor ou contra a doutrina do apóstolo acerca da predestinação e da soberania divina na salvação, eu afirmo que isto não torna um homem indiferente à sua própria salvação e à salvação dos outros; este não foi o efeito sobre Paulo, e entre essas duas grandes passagens encontram-se as maravilhosas palavras de nosso versículo-texto.

[Um trecho do sermão intitulado “Preocupação Intensa pela Salvação dos Outros”, do livro *Sermons and Addresses*, Hodder & Stoughton: Nova Iorque, 1886.]

A mente natural está sempre propensa a discutir, quando devemos crer; trabalhar, quando temos de permanecer quietos; trilhar nosso próprio caminho, quando precisamos firmemente caminhar nas estradas de Deus, ainda que contrariando a própria natureza.

George Müller

O Legado de Charles Finney

Michael S. Horton

Jerry Falwell descreveu Finney como “um de meus heróis e de muitos evangélicos, incluindo Billy Graham”. Lembro-me de ter visitado o Instituto Billy Graham alguns anos atrás; ali observei o lugar de honra dado a Finney na tradição evangélica. Isto foi reforçado pela recordação de minha primeira aula de teologia em uma faculdade evangélica, na qual foi solicitado que lêssemos a obra de Finney. O avivalista de Nova Iorque tem sido freqüentemente citado e celebrado, como um herói, pelo famoso cantor evangélico Keith Green e pela organização *Jovens com Uma Missão*. Finney é particularmente estimado entre líderes de movimentos evangélicos conservadores e liberais, tanto por Jerry Falwell quanto por Jim Wallis (da revista *Sojourner*). E sua marca pode ser vista em vários movimentos que parecem ter posições diferentes, mas que na realidade são herdeiros do legado de Finney. Para grupos tais como o movimento *Vineyard* e o de Crescimento de Igrejas, em campa-

nhas políticas e sociais, no televangelismo e no movimento *Promise-Keepers* (Guardiões da Promessa), “Finney continua vivo!”, citando as palavras de um dos presidentes do Wheaton College.

Isto acontece porque o impulso moralista de Finney idealizou uma igreja que, em grande escala, seria um agente de reforma da sociedade e do indivíduo, ao invés de uma instituição onde os meios da graça, a Palavra de Deus e as ordenanças, são colocados à disposição dos crentes que, em seguida, levam o evangelho ao mundo. No século XIX, o movimento evangélico identificou-se, de maneira crescente, com as causas políticas — a abolição da escravatura, leis sobre o trabalho infantil, os direitos da mulher e a proibição de bebidas alcóolicas. Na virada do século, com a afluência de imigrantes católicos romanos, o que deixou aprensivos muitos protestantes americanos, o secularismo começou a minorar a influência do movimento evangélico sobre instituições (univer-

sidades, hospitais, organizações filantrópicas) que os crentes haviam criado e mantido. Em um desesperado esforço para reconquistar este poder institucional e a glória da “América Cristã” (um ideal que sempre tem dominado a imaginação de alguns, mas, após a desintegração da Nova Inglaterra Puritana, se tornou ilusório), o protestantismo da virada do século lançou campanhas para “americanizar” imigrantes, enfatizando o ensino de valores morais e a “educação do caráter”. Os evangelistas modelaram seu evangelho em termos de utilidade prática ao indivíduo e à nação.

Este é o motivo por que Finney é tão popular. Ele foi grandemente responsável pela mudança da ortodoxia reformada, evidente no Grande Avivamento (nos ministérios de Edwards e Whitefield), para o avivalismo arminiano (na realidade, também pelagiano), evidente desde o Segundo Grande Avivamento até ao presente. Para demonstrar a dívida do evangelicalismo moderno para com Finney, temos de inicialmente observar seus desvios teológicos. Com base nestes desvios, ele tornou-se o pai de alguns dos grandes desafios contemporâneos dentro das próprias igrejas evangélicas, ou seja, o Movimento de Crescimento de Igrejas, o Pentecostalismo e o Avivalismo Político.

Quem era Charles Finney?

Reagindo contra o calvinismo do Grande Avivamento, os sucessores daquele grande movimento do Espírito afastaram-se do caminho do

Senhor e seguiram o dos homens, apartaram-se da pregação de conteúdo objetivo (ou seja, Cristo crucificado) para seguir a ênfase de levar as pessoas a “fazerem uma decisão”.

Charles Finney (1792-1875) ministrou nos rastros do “Segundo Avivamento”, conforme esse tem sido chamado. Era um advogado e membro da igreja presbiteriana; em certo dia, experimentou “um poderoso batismo do Espírito Santo”, que, “à semelhança de uma onda de energia”, ele relatou, “percorreu todo meu ser, parecendo vir em ondas de amor líquido”. Na manhã seguinte, ele informou ao seu primeiro cliente: “Não posso mais defender sua causa; tenho um chamado para defender a causa do Senhor Jesus”. Recusando-se a assistir aulas no Seminário Princeton (ou qualquer outro seminário), Finney começou a promover avivamentos na parte norte do Estado de Nova Iorque. Um de seus mais populares sermões era “Os Pecadores Estão Obrigados a Mudar Seus Próprios Corações”.

Ao considerar qualquer assunto a ser ensinado, esta era a pergunta fundamental de Finney: “Isto é bom para converter pecadores?” Um dos resultados do avivalismo de Finney foi a divisão dos presbiterianos dos Estados de Filadélfia e de Nova Iorque em facções calvinistas e arminianas. As “Novas Medidas” de Finney incluíam o “banco dos ansiosos” (precursor do atual apelo para “vir à frente”), táticas emocionais, que levavam as pessoas a sentirem-se desesperadas e chorarem, e outros “incentivos”, como ele e seus segui-

dores os chamavam. Finney se tornou mais e mais hostil ao presbiterianismo, referindo-se de maneira crítica na introdução de sua obra “Teologia Sistemática” à Confissão de Westminster e a seus elaboradores, como se eles tivessem criado um “periódico papal” e “elevado sua Confissão e Catecismo ao trono do papa e ao lugar do Espírito Santo”. De maneira notável, Finney demonstra quanto profundamente o avivalismo arminiano, por causa de seu apelo aos sentimentos naturais, tende a ser uma

forma polida de liberalismo teológico, visto que ambos se renderam ao Iluminismo e seu culto do entendimento e da moralidade humana:

“O fato de que a Confissão elaborada pela Assembléia de Westminster seria reconhecida no século XIX como um padrão para a igreja ou para um grupo específico dela não é apenas surpreendente, mas também (tenho de afirmar) é bastante ridículo. É tão ridículo na teologia quanto o seria em qualquer outra ciência. É melhor ter um papa vivo do que um morto”.

O que estava errado na teologia de Finney?

Não precisamos ir além do índice de sua *Teologia Sistemática* para reconhecer que toda a teologia de Finney girava em torno da moralidade humana. Os capítulos 1 a 5

falam sobre o governo, a obrigação e a unidade de ação moral. Os capítulos 6 e 7 referem-se à “Obediência Completa”; os capítulos 8 a 14 discursam sobre o amor, o egoísmo, virtudes e pecados em geral. Somente no capítulo 21, o leitor acha alguma coisa especificamente cristã, reportando-se à expiação. A este capítulo segue um discurso sobre a regeneração, o arrependimento e a fé. Existe um capítulo sobre a justificação acompanhado por seis sobre a santificação. Em outras palavras, Finney

— ■ —
Finney realmente não escreveu uma Teologia Sistemática, e sim uma coletânea de ensaios a respeito de moralidade.
 — ■ —

realmente não escreveu uma Teologia Sistemática, e sim uma coletânea de ensaios a respeito de moralidade.

Entretanto, não estamos afirmando que a obra de Finney não possui algumas declarações teológicas significativas.

Respondendo à pergunta: “O crente deixa de ser crente sempre que comete um pecado?”, Finney disse:

“Sempre que comete pecado, o crente deixa de ser santo. Isto é evidente. Sempre que peca, ele precisa ser condenado; tem de incorrer na penalidade da lei de Deus. Se alguém disser que o preceito da lei ainda vigora, mas que, no caso do crente, a penalidade foi anulada para sempre, eu respondo afirmando que anular a penalidade da lei é cancelar seu preceito, pois, se o preceito não demanda punição, não existe lei, e sim apenas uma advertência ou conselho. Por conseguinte, o crente é jus-

— ■ —

tificado em proporção à sua obediência e precisa ser condenado, quando pecar; de outra forma, o antinomianismo se torna verdadeiro... Neste sentido, o crente que peca e o incrédulo encontram-se exatamente na mesma situação” (p. 46).

Finney acreditava que Deus exige perfeição absoluta, mas, ao invés de levar as pessoas a buscarem a perfeita justiça em Cristo, ele concluiu que:

“...a plena obediência no presente é a condição da justificação. Porém, quanto à pergunta: o homem pode ser justificado enquanto o pecado permanece nele?, respondemos: é certo que não, quer seja com base em princípios da lei ou do evangelho, a menos que a lei seja anulada. Ele pode ser perdoado, aceito e justificado, no sentido evangélico, enquanto o pecado, em qualquer grau, permanece nele? Absolutamente, não” (p. 57).

Posteriormente falaremos mais sobre a doutrina da justificação ensinada por Finney, mas agora já podemos ressaltar que ela está fundamentada sobre a negação da doutrina do pecado original. Afirmado tanto por católicos quanto por evangélicos, este ensino bíblico repete com insistência que todos somos nascidos em pecado e herdamos a corrupção e a culpa de Adão. Estamos, portanto, em escravidão a uma natureza pecaminosa. Conforme alguém disse: “Nós pecamos porque somos pecadores”; a condição de pecado determina nossos atos pecaminosos, e não vice-versa. Finney, entretanto, seguiu os ensinamentos de Pelágio, o herege do quinto século, que, por negar

essa doutrina, foi condenado pelos concílios da igreja, mais do que qualquer outra pessoa na história eclesiástica.

Ao contrário da doutrina do pecado original, Finney acreditava que os seres humanos são capazes de escolher se desejam ser corruptos por natureza ou redimidos, referindo-se à doutrina do pecado original como “um dogma sem lógica e fundamento bíblico” (p. 179). Em termos claros, ele negou a idéia de que os homens possuem uma natureza pecaminosa (ibid.). Por conseguinte, se Adão nos leva ao pecado e isto ocorre não porque herdamos a sua culpa ou corrupção, e sim porque seguimos o seu triste exemplo, tal idéia nos conduz a pensar logicamente que Cristo, o Segundo Adão, nos salva por meio de seu exemplo. Este é exatamente o ponto aonde Finney chegou, ao explicar a doutrina da expiação.

A primeira coisa que temos de observar sobre a expiação, dizia Finney, é que Cristo não poderia ter morrido em favor do pecado de qualquer outra pessoa, exceto o dele mesmo. Sua obediência à lei e sua perfeita justiça eram suficientes para salvar somente a Si mesmo, mas não podiam ser aceitas em favor de outros. O fato de que toda a teologia de Finney resultou de uma intensa paixão por aperfeiçoamento moral pode ser visto nesta afirmativa: “Se Cristo tivesse obedecido a lei como nosso Substituto, por que a insistência bíblica sobre nosso retorno à obediência pessoal, apresentando esta obediência como um requisito fundamental para nossa salvação?” (p. 206). Em

outras palavras, por que Deus insiste em salvar-nos por meio de nossa obediência, se a obra de Cristo foi suficiente? O leitor recordará as palavras do apóstolo Paulo, no que concerne a este assunto: “Não anulo a graça de Deus; pois, se a justiça é mediante a lei, segue-se que morreu Cristo em vão” (Gl 2.21). A resposta de Finney parece concordar com este versículo. A diferença é esta: ele não tinha dificuldade para aceitar ambas as premissas.

É evidente que essa não é toda a verdade, pois Finney acreditava que Cristo havia morrido por algum motivo — não por alguém, mas por alguma coisa. Em outras palavras, Cristo morreu por um objetivo e não por um povo. O objetivo da morte dEle foi reafirmar o governo moral

de Deus e conduzir-nos à vida eterna por meio de seu exemplo, assim como o exemplo de Adão nos incita ao pecado. Por que Cristo morreu? Deus sabia que “a expiação ofereceria às criaturas os mais elevados motivos a serem imitados. O exemplo é a mais poderosa influência moral que pode ser praticada... Se a benevolência manifestada na expiação não subjuga o egoísmo dos pecadores, a situação destes é desesperadora” (p. 209). Portanto, não somos pecadores desesperados que precisam ser redimidos, e sim pecadores desorientados que necessitam de uma demonstração de altruísmo tão comovedor, que seremos motivados a

abandonar o egoísmo. Finney não apenas acreditava que a teoria de uma expiação de “influência moral” era a principal maneira de se entender a cruz; ele explicitamente negava a expiação vicária, pois esta “admite que a expiação foi literalmente o pagamento de um débito, que, conforme vimos, não é coerente com a natureza da expiação... É verdade que a expiação, por si mesma, não assegura a salvação de qualquer pessoa” (p. 217).

Agora consideremos a opinião de Finney a respeito de como se aplica a expiação. Rejeitando o calvinismo or-

todoxo dos antigos presbiterianos e congregacionais, Finney argumentou tenazmente contra a crença de que o novo nascimento é um dom de Deus, insistindo

que “a regeneração consiste na atitude do próprio pecador mudar sua intenção, sua preferência e sua escolha definitiva; ou mudar do egoísmo para o amor e a benevolência”, impulsionado pela influência moral do comovedor exemplo de Cristo (p. 224). “A pecaminosidade original, a regeneração física e todos os dogmas resultantes e similares a estes opõem-se ao evangelho e são repulsivos à inteligência humana” (p. 236).

Não levando em conta o pecado original, a expiação vicária e o caráter sobrenatural do novo nascimento, Finney prosseguiu adiante e atacou “o artigo pelo qual a igreja mantém-

— ■ —
*Finney acreditava
 que... Cristo morreu
 por um objetivo
 e não por um povo.*
 — ■ —

se de pé ou cai” — a justificação gratuita exclusivamente pela fé.

Os reformadores protestantes insistiam, com base em evidentes textos bíblicos, que a justificação (no grego, “declarar justo”, ao invés de “tornar justo”) era um veredito forense (isto é, “judicial”). Em outras palavras, enquanto o catolicismo romano sustentava que a justificação era um processo para tornar melhor uma pessoa má, os reformadores argumentavam que a justificação era um pronunciamento ou uma declaração de que alguém possuía a retidão de outra pessoa (ou seja, Cristo). Portanto, a justificação era um veredito perfeito, outorgado de uma vez por todas, declarando que alguém permanecia íntegro desde o início da vida cristã, e não em qualquer outra etapa desta.

As palavras-chaves da doutrina evangélica eram “forense”

(significando “judicial”) e “imputação” (lançar na conta de alguém; opondo-se à idéia de “infusão” de justiça na alma da pessoa). Sabendo tudo isso, Finney declarou:

“É impossível e absurdo que os pecadores sejam declarados legalmente justos... Conforme veremos, há várias condições, mas apenas um fundamento, para a justificação dos pecadores. Já dissemos que não existe uma justificação no sentido forense ou judicial, e sim uma justificação

fundamentada na ininterrupta, perfeita e universal obediência à lei. Isto, sem dúvida, é negado por aqueles que asseveram que a justificação evangélica, ou a justificação de pecadores arrependidos, possui o caráter de uma justificação forense ou judicial. Eles se apegam à máxima judicial de que aquilo que um homem faz através de um outro é considerado como sendo feito por ele mesmo; portanto, a lei considera a obediência de Cristo como nossa, com base no fato de que Ele a obedeceu por nós”.

A isto o próprio Finney respondeu: “A doutrina de uma justiça imputada, ou seja, que a obediência de Cristo à lei foi reputada como nossa, fundamenta-se em uma suposição falsa e sem lógica”. Afinal de contas, a justiça de Cristo “poderia justificar somente a Ele mesmo. Jamais poderia ser imputada a nós...

Era naturalmente impossível para Ele obedecer a lei em nosso favor”. Esta “interpretação da expiação como base da justificação dos pecadores tem sido uma ocasião de tropeço para muitos” (pp. 320-322).

O conceito de que a fé é a única condição da justificação expressa “um ponto de vista antinomiano”, disse Finney. “Veremos que a perseverança na obediência até ao fim é também uma condição para a justificação.” Além disso, a “santificação presen-

— ■ —

*As “Novas Medidas” de
Finney, semelhantes às
do moderno Movimento
de Crescimento de
Igreja, tornaram a
escolha do homem
e as emoções o centro
do ministério da igreja.*

— ■ —

te, no sentido de plena consagração a Deus, é outra condição... da justificação. Alguns teólogos transformaram a justificação em uma condição para a santificação, ao invés de fazerem da santificação uma condição para a justificação. Porém, conforme observaremos, este é um conceito errado sobre a justificação” (pp. 326-327). Cada ato de pecado exige “uma nova justificação” (p. 321). Referindo-se “aos elaboradores da Confissão de Fé de Westminster” e ao ponto de vista de uma justiça imputada, Finney admirou-se, afirmando: “Se isto não é antinomianismo, não sei o que é” (p. 332). Essa imputação legal era irracional para ele, por isso concluiu: “Considero estes dogmas como fantasiosos, descrevendo mais um romance do que um sistema teológico” (p. 333). Na seção em que falou contra a Assembléia de Westminster, ele finalizou dizendo:

“As relações entre o antigo ponto de vista da justificação e o ponto de vista da depravação é óbvio. Os membros da Assembléia sustentam, conforme já vimos, que a constituição do homem, em todas as suas partes e faculdades, é pecaminosa. Naturalmente, um retorno à santidade pessoal, no presente, no sentido de uma completa conformidade à lei de Deus, na opinião deles, não pode ser uma condição para justificação. Eles precisam ter uma justificação enquanto ainda permanecem em certo grau de pecado. Isto tem de ser realizado por meio da justificação imputada. O intelecto se revolta diante de uma justificação em pecado. Portanto, um método foi inventado para

que os olhos da lei e de seu Doador sejam retirados do pecador e focalizados em seu Substituto, que obedeceu perfeitamente a lei” (p.339).

Finney chamou essa doutrina de “outro evangelho”. Insistindo que a descrição realística de Paulo em Romanos 7 realmente se refere à vida do apóstolo antes que ele houvesse atingido a “perfeita santificação”, Finney ultrapassou Wesley ao argumentar em favor da possibilidade da santificação completa nesta vida. John Wesley dizia que é possível para o crente atingir a plena santificação, mas, quando reconheceu que o melhor dos crentes peca, ele acomodou-se à realidade dos fatos, afirmando que a experiência da “perfeição cristã” era uma questão de coração e não de ações. Em outras palavras, um crente pode ser aperfeiçoado em amor, de modo que este amor se torne a única motivação para as suas atitudes, enquanto ocasionalmente comete erros. Finney rejeitou esta opinião e insistiu que a justificação está condicionada à perfeição completa e total — ou seja, a “inteira conformidade à lei de Deus”, e o crente pode fazer isso; mas, quando ele transgredir em algum ponto, uma nova justificação é exigida.

Conforme ressaltou eloqüentemente B. B. Warfield, o teólogo de Princeton, há duas religiões na história da raça humana: o paganismo — da qual o pelagianismo é uma expressão — e a redenção sobrenatural. Juntamente com Warfield e outros que com seriedade advertiram seus irmãos sobre os erros de Finney e seus sucessores, também temos de avaliar as idéias amplamente heterodoxas dos

protestantes americanos. Com suas raízes no avivalismo de Finney, talvez o protestantismo liberal e o protestantismo evangélico, afinal de contas, não estejam tão afastados um do outro! As “Novas Medidas” de Finney, semelhantes às do moderno Movimento de Crescimento de Igreja, tornaram a escolha do homem e as emoções o centro do ministério da igreja, ridicularizaram a teologia e substituíram a pregação de Cristo por uma pregação voltada a conversões.

Com base no moralismo natural advogado por Finney, as campanhas políticas e sociais dos cristãos alicerçaram sua fé na humanidade e em seus próprios recursos para a salvação de si mesma. Ecoando um pouco de deísmo, Finney declarou: “Na vida espiritual nada existe além das capacidades naturais; ela consiste totalmente no correto exercício dessas capacidades. É apenas isto e nada mais. Quando a humanidade se torna verdadeiramente religiosa, as pessoas são capacitadas a demonstrar esforços que eram incapazes de manifestar antes. Exercem apenas capacidades que tinham antes, e utilizavam de maneira errônea, e agora as empregam para a glória de Deus”. Deste modo, visto que o novo nascimento é um fenômeno natural, o mesmo ocorre ao avivamento: “Um avivamento não é um milagre, tampouco depende deste, em qualquer sentido; é simplesmente um resultado filosófico da correta utilização dos

meios estabelecidos, assim como qualquer outro resultado produzido pelo emprego destes meios”. A crença de que o novo nascimento e um avivamento dependem necessariamente da atividade divina era perniciosa para Finney. Ele disse: “Nenhuma doutrina é mais perigosa do que esta para o progresso da igreja, e nada pode ser mais absurdo”

■

*Finney explicitamente
negava a expiação
vicária.*

■

(*Revivals of Religião* [Avivamentos da Religião], Revell, pp. 4-5). Quando os líderes do Movimento de Crescimento de Igreja reivindicam que a teologia impede o crescimento da igreja e insistem que, não importando o que determinada igreja acredita em particular, o crescimento é uma questão de seguir os princípios adequados, estes líderes estão demonstrando seu débito a Finney. Quando os líderes do movimento *Vineyard* exaltam a iniciativa subscrita de Finney, bem como o gritar, a desordem, o falar alto, o rir e outros fenômenos estranhos, com base na idéia de que “isto funciona” e que devemos julgar a verdade destas coisas pelos frutos produzidos, esses líderes estão seguindo as idéias de Finney e de William James, o pai do pragmatismo americano. Este último declarou que uma verdade precisa ser julgada de acordo com “seu valor na prática”.

Deste modo, na teologia de Finney, Deus não é soberano, o homem não é pecador por natureza, a expiação realmente não é um pagamento pelo pecado, a justificação por meio

da imputação é um insulto à razão e à moralidade, o novo nascimento é apenas o resultado da utilização de técnicas bem-sucedidas, e o avivamento é o resultado natural de campanhas inteligentes. Em sua recente introdução à edição do bicentenário da *Teologia Sistemática* de Finney, Harry Conn recomenda o pragmatismo de Finney: “Muitos servos de Deus procuram um evangelho que ‘funciona’; sinto-me feliz em declarar que o acharão nesta obra”. Conforme Whitney R. Cross cuidadosamente documentou em seu livro, *The Burned-Over District; The Social and Intellectual History of Enthusiastic Religion in Western New York, 1800-1850* (Cornell University Press, 1950), todo o território em que com mais freqüência se realizavam os avivamentos de Finney era também o berço dos cultos perfeccionistas que infestaram aquele século. Um evangelho que “funciona” hoje, para os zelosos perfeccionistas, apenas cria os supercrentes iludidos e esgotados de amanhã.

É desnecessário dizer que a mensagem de Finney é radicalmente contrária à fé evangélica, assim como as diretrizes fundamentais de movimentos vistos ao nosso redor, que demonstram as marcas de Finney: o avivalismo (ou seu representante moderno, “o Movimento de Cresci-

mento de Igreja”), o perfeccionismo e o emocionalismo pentecostal, e as tendências anti-intelectuais e antidoutrinárias do fundamentalismo e evangelicalismo moderno. Foi por intermédio do “Movimento da Vida Superior” (Higher Life Movement), do final do século XIX e início do século XX, que o perfeccionismo de Finney chegou a dominar o recém-nascido movimento dispensacionista através de

Lewis Sperry Chafer, fundador do Seminário de Dallas e autor de *He That Is Spiritual* (Aquele que é Espiritual). Finney, entretanto, não é o único responsável; ele é mais um produto do que um produtor. Apesar disso,

a influência que ele exerceu e continua exercendo é abrangente.

O avivalista não apenas abandonou o princípio fundamental da Reforma (a justificação), tornando-se um rebelde contra o cristianismo evangélico, como também rejeitou as doutrinas que têm sido acreditadas por católicos e protestantes (tais como o pecado original e a expiação vicária). Por isso, Finney não é simplesmente um arminiano, mas um pelagiano. Ele não é apenas um inimigo do protestantismo evangélico mas também do cristianismo histórico, no mais abrangente sentido da palavra.

Não enfatizo estas coisas com satisfação, como se desejasse regozijar-me em denunciar os heróis dos

— ■ —

*As “Novas Medidas”
de Finney... ridicularizaram a teologia e substituíram a pregação de Cristo por uma pregação voltada a conversões.*

— ■ —

evangélicos americanos. Porém, sempre é bom, especialmente quando perdemos algo de valor, retroceder nossos passos, a fim de determinar onde ou quando, pela última vez, o tínhamos em nossa possessão. O propósito deste artigo é focalizar, com sinceridade, o grave afastamento do cristianismo bíblico promovido através do avivalismo americano. Até que sejamos capazes de encarar este afastamento, estaremos perpetuando um caminho perigoso e distorcido. Em uma afirmativa, Finney estava absolutamente correto: o evangelho afir-

mado e defendido pelos teólogos de Westminster (os quais ele atacou diretamente) e por todos os evangélicos é “outro evangelho”, no sentido de ser distinto daquele que Finney proclamava. A grande questão do momento é: Qual destes é o nosso evangelho?

Todas as citações de Finney foram retiradas de seu livro *Teologia Sistemática* (“Systematic Theology”, Bethany, 1976).

A Maior Honra

Aos 23 anos de idade, Martyn Lloyd-Jones era chefe Assistente Clínico de Sir Thomas Horder, o médico do rei da Inglaterra. Inesperadamente aos 27 anos, Dr. Lloyd-Jones voltou ao País de Gales, sua terra natal, com o coração ardendo pela salvação dos seus compatriotas.

Alguns consideraram sua mudança de carreira como romântica, outros como loucura. Porém, de uma coisa o Dr. Lloyd-Jones estava certo: tal mudança não era nenhum sacrifício. “Eu não desisti de nada. Eu recebi tudo. Considero a maior honra que Deus pode conferir a qualquer homem, o chamá-lo para ser um mensageiro do Evangelho”.

(Da “orelha” do livro *Estudos no Sermão do Monte* de Martyn Lloyd-Jones).

Não é a “Mãe Natureza”!

Gary W. Hendrix

Enquanto escrevo este artigo, a chuva está caindo lá fora, e o vento redemoinha com grande intensidade. Uma frente fria se aproxima de nossa região, ameaçando agravar o clima e prometendo diminuir significativamente a temperatura. Nós, que residimos no Estado da Carolina do Norte, prestamos mais atenção à chuva agora, desde que há algumas semanas o furacão Floyd nos trouxe enchentes terríveis. Era difícil acreditar no que víamos — as águas na altura das luzes dos postes, os homens em barcos, abaixando e levantando a cabeça rapidamente, a fim de passar pelos cabos de energia elétrica. Nosso estado jamais vira uma devastação tão grande, causada por enchentes.

Em conexão com tudo isso, fazia-se menção frequente à força e fúria da “Mãe Natureza” e à terrível “sorte” dos habitantes do Leste dos Estados Unidos. A idéia parecia ser de que uma força aleatória e impessoal, que age por acaso, foi respon-

sável por esse fenômeno. A Palavra de Deus apresenta uma explicação diferente. Considere estas afirmativas:

“O Senhor fez a terra pelo seu poder; estabeleceu o mundo por sua sabedoria e com a sua inteligência estendeu os céus. Fazendo ele ribombar o trovão, logo há tumulto de águas no céu, e sobem os vapores das extremidades da terra; ele cria os relâmpagos para a chuva e dos seus depósitos faz sair o vento” (Jr 10.12-13).

“O Senhor é tardio em irar-se, mas grande em poder e jamais inocenta o culpado; o Senhor tem o seu caminho na tormenta e na tempestade, e as nuvens são o pó dos seus pés” (Na 1.3).

Deus deseja que entendamos que Ele criou e controla o universo, incluindo o clima da terra. Portanto, enquanto observações cuidadosas nos

capacitam a entender como as nuvens de tempestade se formam e intensificam, não podemos explicar por que se formam em determinadas ocasiões e lugares ou por que os ventos as conduzem em uma direção específica. Não podemos prever ou assegurar o lugar exato em que o relâmpago brilhará ou onde passará o furacão. Todas essas coisas são obras de Deus. Ele reivindica a responsabilidade por elas e nos ordena reconhecê-las e respeitá-las.

Além disso, o profeta Naum declara que Deus utiliza os fenômenos climáticos para exercer julgamento. Isto significa que nossos amigos do Leste são mais pecadores do que nós? É claro que não. Mas enchentes, furacões, terremotos e tempestades, que trazem tantos prejuízos e mortes em muitos lugares da terra, afirmam claramente que Deus está atento à conduta moral e espiritual de nossa geração. Ele está irado com o desenfreado homicídio (em especial, o aborto). Ele contempla a profanação do casamento, que acontece por meio da fornicção, adultério e homossexualidade; ouve as mentiras abun-

dantes com as quais as pessoas O descrevem erroneamente e utilizam em seus relacionamentos e negócios. Deus não abandonou seu trono como Supremo Juiz de toda a terra.

A humanidade gosta de ensinar a si mesma que Deus é um papai-noel celestial que somente abençoa e nunca amaldiçoa. A Palavra de Deus fala de maneira diferente. O clima afirma o contrário. Seríamos sábios se parássemos de ouvir conjecturas sem fundamentos e entrássemos em harmonia com Aquele que é o Deus vivo, que governa sobre tudo, com poder, justiça e santidade. As tempestades na verdade são atos de misericórdia avisando-nos que um julgamento infinitamente maior está por vir e chamando-nos a arrepender-nos de nossos pecados e crer em Jesus Cristo. Ele suportou a ira de Deus na cruz, a fim de providenciar uma proteção invencível para todos os que confiam nEle.

Não é a “Mãe natureza”. É o nosso Criador, chamando-nos ao arrependimento e à fé em seu Filho. Nós ouviremos essa chamada?

Os homens, por sua própria vontade, não se voltam para Deus, enquanto seus corações de pedra não são transformados em corações de carne.

João Calvino

O Princípio Regulador do Culto

Matthew McMahon

O *Princípio Regulador do Culto* recebeu sua forma clássica e definitiva nas confissões de fé reformadas do século XVII. Foi editado em linguagem idêntica na *Confissão de Fé de Westminster* (Capítulo 21, parágrafo 1) e na *Confissão Batista Londrina de 1689* (Capítulo 22, parágrafo 1). Desta última extraímos a seguinte afirmativa:

“A luz da natureza mostra que existe um Deus, que tem senhorio e soberania sobre todos, que é justo, bom, e faz o bem a todos; e que, portanto, deve ser temido, amado, louvado, invocado, crido e servido, de todo o coração, de toda a alma, e com todas as forças. Mas a maneira aceitável de se cultuar o Deus verdadeiro é aquela instituída por Ele mesmo, e que está bem delimitada por sua própria vontade revelada, para que Deus não seja adorado de acordo com as imaginações e invenções humanas, nem com as sugestões de Satanás, nem por meio de qualquer

representação visível ou qualquer outro modo não prescrito nas Sagradas Escrituras”.¹

O *Princípio Regulador do Culto* afirma apenas isto: “O verdadeiro culto é ordenado somente por Deus; o falso culto é algo que Ele não ordenou”. Este era o conceito puritano a respeito do culto. Nas palavras de Samuel Waldron:

“Parece que um dos obstáculos de ordem intelectual que impede os homens de aceitarem o Princípio Regulador é que este envolve a idéia de que a igreja e seu culto foram ordenados de maneira diferente do restante da vida. No que concerne ao restante da vida, Deus estabelece para os homens os grandes e abrangentes princípios de sua Palavra e, de acordo com os limites estabelecidos nestas orientações, permite que eles conduzam suas vidas da melhor forma que puderem. Ele não dá aos homens orientações detalhadas sobre como devem edificar suas casas ou seguir

carreiras seculares. O Princípio Regulador, por outro lado, envolve uma limitação na iniciativa da vontade humana, o que não é característico no que se refere ao restante de nossa vida. Evidentemente, isto admite que existe uma diferença entre a maneira como o culto da igreja deve ser regulado e a maneira como o restante da sociedade e a conduta humana devem ser ordenadas. Portanto, o Princípio Regulador está sujeito a ofender muitas pessoas, por considerarem-no como opressivo, específico e, por conseguinte, sob suspeita, por não estar de acordo com a maneira de Deus lidar com os homens e orientar os outros aspectos de nossa vida”.

Esta declaração é muito acertada, e reflete algo que realmente tem acontecido.

Não obstante, devemos considerar apropriado o fato de que a casa de Deus e a vida de seu povo são regulamentadas pelas normas e preceitos dEle. Temos de reputar apropriado o fato de que a adoração acompanhada de reverência, amor, devoção e gozijo em Deus seja fundamentada e regulada de acordo com as Escrituras e os princípios estabelecidos por Ele. A adoração para o crente deve ser uma expressão do amor de Deus retornando para Ele mesmo. Temos de expressar-Lhe quão maravilhoso e bendito Ele é. Portanto, é impossível adorá-Lo atra-

vés de invenções e ingenuidades dos homens. É impossível adorá-Lo em uma atmosfera que não foi estabelecida e ordenada por Ele e sua Palavra. O Princípio Regulador, que encontramos na Bíblia e, fielmente expresso pelos puritanos, não deve ser deixado de lado porque nós e a cultura contemporânea somos mais fascinados e atraídos pelo entretenimento do que pela adoração a Deus.

Os puritanos presbiterianos, ao formular os artigos da *Confissão de Westminster*, e os batistas reformados, na *Confissão de Fé de 1689*, tinham o mesmo alvo: o culto aceitável a Cristo. Primeiramente, vamos considerar a Confissão de 1689 e veremos os argumentos bíblicos que apoiam sua afirmativa sobre adoração. Esta confissão diz:

“A luz da natureza mostra que existe um Deus, que tem senhorio e soberania sobre todos, que é justo, bom e faz o bem a todos; e que, portanto, deve ser temido, amado, louvado, invocado, crido e servido, de todo coração, de toda a alma, e com todas as forças”.

Nesta afirmação podemos ver os argumentos bíblicos e filosóficos para a existência de Deus precedendo aqueles que dizem respeito a adoração a este Deus existente. Se utilizássemos argumentos apoloéticos, a própria luz da natureza nos levaria à conclusão de que existe um Deus.

—■—
...nós e a cultura contemporânea somos mais fascinados e atraídos pelo entretenimento do que pela adoração a Deus.
 —■—

Ele é o soberano Senhor do universo. Isto não significa apenas que Deus é soberano, mas também que Ele é soberano sobre todos, governando sobre todos os seres vivos, todas as criaturas, e átomos, e em todas as partes do universo. Ele é Deus sobre todas as coisas! Se existe um Deus que é bondoso, justo e faz o bem a todos ou, pelo menos, pode fazer o bem a todos, Ele tem de ser adorado, temido, amado, invocado, servido e nEle devemos confiar, com todo nosso coração, alma e forças. Se este Deus é santo, então existe uma maneira correta de nos aproximarmos dEle. De acordo com sua Palavra, o Senhor Jesus Cristo deu à humanidade não apenas a habilidade de aproximar-se mas também todas as diretrizes pelas quais podemos nos chegar a Deus. A expiação realizada por Cristo assegura isto aos eleitos. Em essência, a *Confissão Batista de 1689* afirma que temos de servir a Deus simplesmente porque Ele é Deus. Deste modo, podemos observar que os puritanos batistas não podiam iniciar apenas afirmando como o culto a Deus deveria ser orientado e realizado, sem primeiro falarem algo sobre o Deus que temos de adorar.

A segunda parte do parágrafo diz o seguinte:

“Mas a maneira aceitável de se cultuar o Deus verdadeiro é aquela instituída por Ele mesmo, e que está bem delimitada por sua própria vontade revelada, para que Deus não seja adorado de acordo com as imaginações e invenções humanas, nem com as sugestões de Satanás, nem por meio de qualquer representação visí-

vel ou qualquer outro modo não prescrito nas Sagradas Escrituras”.

O vocábulo “aceitável”, cuidadosamente escolhido e utilizado, implica existir um modo inaceitável de adorar a Deus. E, visto que a adoração foi instituída por Deus, está limitada por aquilo que Ele revelou a respeito de Si mesmo. Somente o que lemos nas Escrituras, que expressamente estabelecem certas condições para o culto, constituem o culto aceitável. Aquilo que o homem procura fabricar, inventar, acrescentar e retirar ou aquilo que ele pode ser tentado a fazer por ouvir o diabo não é adoração aceitável a Deus. E os puritanos estavam certos ao afirmar que o culto a Deus não poderia ser realizado através de qualquer representação visível ou de qualquer outra maneira não prescrita nas Escrituras. Por isso, eles combateram a idolatria do catolicismo romano, bem como suas imagens, ídolos e qualquer tipo de “culto da vontade” (logo falaremos sobre o “culto da vontade”). Portanto, na *Confissão Batista de 1689*, os puritanos tinham como alvo a pureza do culto, ou seja, aquele que agrada a Deus, fundamentado exclusivamente na Bíblia. Eles não permitiriam, em boa consciência, que o homem pecador determinasse por que meios eles mesmos se aproximariam de Deus. E não é possível que qualquer cristão saudável imagine estar tão acima do pecado, que se ache capaz de mostrar para Deus a maneira pela qual se aproximaria dEle. Somente Deus, que é santo e puro, pode determinar, por Si mesmo, a maneira pela qual os seres humanos podem aproximar-se dEle.

Na *Confissão Batista de 1689*, existem quatro argumentos dos puritanos em favor do Princípio Regulador da igreja e de seu culto. Primeiro: somente a Deus pertence a prerrogativa de determinar os termos pelos quais os pecadores se aproximam dEle, em adoração. Samuel Waldron citou James Bannerman em seu folheto sobre o Princípio Regulador:

“O Princípio Fundamental que alicerça todo o argumento é este: em relação à ordenança do culto público, compete a Deus e não ao homem determinar tanto os termos quanto o modo pelo qual ele deve ser realizado. O caminho para nos aproximarmos dEle foi obstruído e fechado em consequência do pecado do homem; para este era impossível renovar o

relacionamento que solenemente havia sido interrompido pela sentença judicial que o excluía da presença e favor de Deus. Aquele caminho seria aberto novamente, e a comunhão entre Deus e o homem, restabelecida? Isto era algo que somente Deus poderia determinar. Se isto aconteceria, em que termos aconteceria esse restabelecimento? De que maneira seria outra vez mantida a comunhão entre a criatura e seu Criador? Isto também era algo que somente Ele poderia resolver.”

Com efeito, Deus é justo em suas prerrogativas, e a Bíblia demonstra que Ele exerce suas prerrogativas (Gn 4.1-5; Êx 20.4-6). Se Deus tivesse decretado que seria adorado somente por aqueles que usam camisas brancas, teria o direito de fazê-lo. Se Ele tivesse ordenado que todo crente deve usar camisas brancas para adorá-Lo, posso imaginar que todos os crentes, porque amam seu Senhor, sairiam e comprariam muitas, a fim de jamais ficar em falta. Eles viriam aos cultos

da igreja usando as camisas brancas que Deus lhes ordenou usarem para sua adoração. Deus é o único que regula nossa adoração. Quão arrogantes são os homens ao se imaginarem no direito de determinar, numa pequena parte que seja, como Deus será adorado!

O segundo argumento no princípio

puritano sobre o culto é este: a introdução de práticas extrabíblicas tende inevitavelmente a anular e menosprezar o culto designado por Deus (Mt 15.3, 8, 9; 2 Rs 16.10-18). A passagem de 2 Reis 16.10-18 foi bem explicada por Samuel Waldron. Ele afirmou que aquele relato é uma maravilhosa ilustração do modo pelo qual práticas extrabíblicas inevitavelmente, e, com frequência, de forma muito sutil, substituem a maneira designada por Deus. Waldron nos mostra que o rei Acáz, em sua apostasia e a-

— ■ —

*De acordo com sua
Palavra, o Senhor Jesus
Cristo deu à huma-
nidade não apenas a
habilidade de
aproximar-se mas
também todas as
diretrizes pelas quais
podemos nos acercar
a Deus.*

— ■ —

liança com a Assíria, determinou em seu coração ter um altar semelhante ao que vira em Damasco. Acaz ordenou a construção daquele altar e que fosse colocado no lugar central do templo, antes ocupado pelo altar de bronze. O novo altar substituiu o anterior como o local onde os sacrifícios regulares, da manhã e da tarde, seriam oferecidos. Mas o altar designado por Deus não seria destruído. É claro que não! Seria apenas colocado em um canto (v. 14). Em uma observação em seu decreto sobre o assunto, o rei Acaz assegurou aos seus mais tradicionais súditos que não pretendia insultar o velho altar designado por Deus. O decreto terminava com estas palavras: “O altar de bronze ficará para a minha deliberação posterior” (v. 15). Os inovadores com seus lábios reconheciam os elementos de culto designados por Deus e, ao mesmo tempo, no exercício de tal adoração, acabavam anulando o valor de tais elementos. Isso ilustra admiravelmente a sutileza com que as práticas não ordenadas pela Bíblia tendem a substituir o culto designado pelas Escrituras. Essa tendência é constatada em igrejas evangélicas nas quais programas ingênuos ou mundanos, shows e apresentações musicais, oportunidades para testemunho, coreografias e mímicas, teatro, marionetes, danças e filmes cristãos assumem completamente o lugar ou restringem os elementos de adoração ordenados nas Escrituras.

O terceiro argumento envolvido no princípio que os puritanos extraíram das Escrituras foi este: se os homens, pecadores, tivessem de a-

crescentar ao culto qualquer elemento não ordenado por Deus, eles estariam, por meio dessa atitude, questionando a sabedoria do Senhor Jesus e a plena suficiência das Escrituras. 2 Timóteo 3.16-17 afirma: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (2 Tm 3.16-17). O homem de Deus mencionado nestes versículos não se refere a todo crente. Existem razões convincentes para identificarmos “homem de Deus” como uma referência a homens como Timóteo, que tinham o encargo de estabelecer a ordem e a liderança na igreja de Deus. Os presbíteros de uma igreja devem utilizar as Escrituras de tal maneira que estabeleçam e regulem a maneira como o culto será realizado. Eles não fazem isso impondo suas próprias idéias a respeito; pelo contrário, eles o fazem por manterem-se fiéis à Palavra de Deus, implementando o que Deus afirma e deseja no que concerne à adoração celebrada por seu povo. Portanto, as Escrituras são capazes de habilitar completamente o homem de Deus para toda boa obra na igreja de Deus, para a glória dEle através da adoração.

Em quarto lugar, os puritanos eram inflexíveis em provar que a Bíblia condena todo culto que não foi ordenado por Deus. Eis alguns textos que comprovavam isto: Levítico 10.1-3; Deuteronômio 17.3; 4.2; 12.29-32; Josué 1.7; 23.6-8; Mateus 15.8-9, 13; Colossenses 2.20-23. Consideremos Levítico 10.1-3 e as

duas passagens citadas do Novo Testamento.

Levítico 10.1-3 afirma: “Nadabe e Abiú, filhos de Arão, tomaram cada um o seu incensário, e puseram neles fogo, e sobre este, incenso, e trouxeram fogo estranho perante a face do SENHOR, o que lhes não ordenara.

Então, saiu fogo de diante do SENHOR e os consumiu; e morreram perante o SENHOR. E falou Moisés a Arão: *Isto é o que o SENHOR disse: Mostrarei a minha santidade naqueles que se chegarem a mim e serei glorificado diante de*

todo o povo. Porém Arão se calou” (Lv 10.1-3). Esta passagem inicialmente nos mostra que Nadabe e Abiú achegaram-se a Deus, para oferecer-Lhe incenso, mas Deus não o aceitou. Ele não se agradou do que aqueles homens Lhe estavam ofertando. Nadabe e Abiú ofereceram “fogo estranho”. Esta expressão é bastante admirável. Deus jamais havia dito que alguém não Lhe poderia oferecer aquele tipo de fogo. Você pode examinar toda a Bíblia, a fim de em vão procurar o mandamento que Lhe proibia de fazer isso. Pelo contrário, descobriremos o que Deus positivamente havia dito. Embora não tenha proibido que alguém Lhe trouxesse esse fogo estranho, o texto bíblico nos mostra que Deus não o aprovou e matou os homens que o ofereceram. Nadabe e Abiú determinaram por si

mesmos oferecer algo que Deus não havia expressamente pedido; e, por causa disso, foram “consumidos” pelo Senhor. O princípio aqui estabelecido permanece verdadeiro: Deus será “santificado” naqueles que se aproximam dEle. Isto significa que

seu povo haverá de considerá-Lo “santo”, ou seja, completamente separado. Deus será glorificado, ou através da execução de sua justiça sobre homens que oferecem fogo estranho, ou através da correta adoração. O pecado de Nadabe e Abiú consistiu em ofe-

— ■ —
*Aquilo que o homem
 procura fabricar,
 inventar, acrescentar e
 retirar ou aquilo que ele
 pode ser tentado a fazer
 por ouvir o diabo
 não é adoração acei-
 tável a Deus.*
 — ■ —

recer a Deus aquilo que Ele não havia ordenado. Deus não havia previamente ameaçado de matá-los, se oferecessem fogo estranho; mas, apesar disso, Ele os matou. Este fato nos mostra que temos de fazer uma exegese cuidadosa da Palavra de Deus, para encontrarmos seu exato significado e nós mesmos não sermos vítimas da ira divina. Ele é exigente no que se refere ao seu culto.

A segunda passagem que desejamos considerar é Mateus 15.8-9: “Este povo honra-me com *os lábios*, mas o seu coração está longe de mim. E em vão me adoram, ensinando doutrinas que *são* preceitos de homens”. Esta é uma declaração notável. Jesus mostra que pessoas, embora professem o nome dEle, realmente não O possuem, porque não O adoram em verdade. Elas O honram com seus

lábios; declaram-se cristãs, dizem que O amam e afirmam muitas outras coisas. (Observe que nesta passagem da Bíblia Jesus estava falando sobre os fariseus, que pareciam ter sua religião caprichosamente empacotada com o rótulo “justo para Deus”). Mas Jesus prosseguiu e declarou que os corações daqueles homens estavam longe dEle; estavam em outro lugar, bem distante. Não pertenciam a Cristo. Eles realmente não O adoravam. Pelo contrário, acrescentavam coisas à adoração divina e, deste modo, ensinavam como “doutrinas” (ou verdades do evangelho) as vãs imaginações dos homens. Os mandamentos criados por homens (tais como acréscimos ao culto) são condenados, porque em verdade não honram a Cristo. O homem não recebeu o direito de criar a atmosfera do culto e do aproximar-se de Deus. Jesus condena essa atitude da parte do homem.

A terceira passagem que desejamos examinar é Colossenses 2.20-23: “Se morrestes com Cristo para os rudimentos do mundo, por que, como se vivêsseis no mundo, vos sujeitais a ordenanças: não manuseies isto, não proves aquilo, não toques aqui-loutro, segundo os preceitos e doutrinas dos homens?

Pois que todas estas coisas, com o uso, se destroem. Tais coisas, com efeito, têm aparência de sabedoria, como culto de si mesmo, e de falsa humildade, e de rigor ascético; todavia, não têm valor algum contra a

sensualidade”. Nesta passagem, o apóstolo Paulo estava refutando a falsa adoração que os homens impõem sobre as demais pessoas. O culto que não está alicerçado na correta orientação fornecida pelas Escrituras é chamado de “culto da vontade”. Em essência, é uma adoração do “ego”, porque procede do “ego” e das coisas que o agradam. O “culto da vontade” acontece quando fatores humanos são os agentes pelos quais realiza-se a adoração. Com frequência, ele ocorre quando o auditório diz ao pastor o que deve ser pregado e como o culto deve ser realizado. Muitas vezes a igreja satisfaz o mundo e cria uma atmosfera “não-agressiva” a este, de modo que as pessoas do mundo encham a igreja. Infelizmente, esta se torna semelhante ao mundo, ao invés de conversões de almas transformarem o mundo na igreja. A adoração se torna uma questão de gosto e conveniência. Os desejos humanos se tornam o elemento decisivo. Imaginem se Nadabe e

Abiú pudessem visitar igrejas contemporâneas, eles cairiam de joelhos e lamentariam amargamente ao reconhecer que seu pecado ainda é praticado, e com grande complacência e aceitação

— ■ —

*A adoração se torna
uma questão de gosto e
conveniência. Os desejos
humanos se tornam o
elemento decisivo.*

— ■ —

em nossos dias.

Os puritanos desejavam um culto simples e bíblico; regulavam-no pelas Escrituras, ao invés de o realizarem de acordo com a vontade deles mesmos. Eles não tinham qualquer

desejo de oferecer “fogo estranho”, embora este fosse bastante “estimulante” ao auditório. Não estavam interessados em montar um “show”. Quando Elias estava no monte Carmelo (1 Reis 18), ele perguntou ao povo se eles queriam seguir a Deus ou a Baal. Ao ser confrontado por esta pergunta, o povo ficou em silêncio. Quando Elias declarou que desejava ter uma “competição” (um “show”) com os sacerdotes de Baal, o que aconteceu ao povo? Todos ficaram bastante interessados. “Sim, vamos ter um show.” E tiveram. Com *igrejas contemporâneas* dá-se o mesmo. Elas querem “show”; desejam que caia fogo do céu, que a igreja

realize algo espetacular ou, pelo menos, promova tanto entretenimento quanto possível. Mas isso não agrada a Deus. E, se não fosse por causa da misericórdia de Deus, muitos hoje talvez fossem consumidos, assim como Nadabe e Abiú o foram.

Que o Deus a ser adorado abra os olhos daqueles que necessitam ver.

¹ Nota do Editor: As citações da *Segunda Confissão Batista Londrina* foram extraídas de “FÉ PARA HOJE – Confissão de Fé Batista de 1689”, Primeira Edição em Português, São José dos Campos (SP): Editora FIEL, 1991, 64 pp.

A Primeira Refeição do Dia

George Müller

Deus me ensinou que a primeira coisa de que eu deveria ocupar-me todos os dias era alegrar meu espírito no Senhor. Minha primeira preocupação não deveria ser a procura de maneiras para servi-Lo e glorificar seu nome, mas, sim, de meios para alegrar meu espírito e alimentar meu ser interior. Se eu não estiver alegre no Senhor, sendo alimentado e fortalecido interiormente a cada dia, posso estar com um espírito errado ao pregar a mensagem de Cristo aos incrédulos, ou edificar os crentes ou aliviar os aflitos, ou ao fazer qualquer outra coisa que faço como filho de Deus.

Antes de entender isso, e durante dez anos, eu tinha o hábito de começar a orar assim que me levantava de manhã. Mais tarde, porém, compreendi que a coisa mais importante era ler a Palavra de Deus e meditar nela. Assim fazendo, eu me sentia reconfortado, estimulado, disciplinado, instruído e admoestado. A meditação na Palavra de Deus era a porta pela qual eu entrava numa profunda comunhão com Deus.

I Conferência Fiel em Moçambique

Missionário Karl Peterson

Alegrem-se conosco pelo sucesso da primeira *Conferência Fiel* em Moçambique, que realizou-se na cidade de Nampula (norte do país), em 3 a 5 de maio; foi assistida por 85 obreiros, representando 24 denominações diferentes. Seu objetivo foi o ensino da fé, da vida e ministério cristão reformado aos pastores e obreiros cristãos. A Conferência resultou dos esforços dos missionários Karl Peterson, representante da Editora Fiel naquele país, e do Dr. Charles Woodrow.

Os participantes sentiram imenso prazer pelo esforço da Editora Fiel em realizar sua primeira Conferência em Moçambique. Nela havia participantes de algumas províncias do país, nas quais a Editora é conhecida através dos beneficiários do *Projeto Biblioteca do Pastor*. E Nampula foi a província que contou com maior número de participantes.

As preleções principais foram ministradas pelo pastor Martin Holdt (Pretória, África do Sul), o preletor principal, que abordou os seguintes assuntos: “A Maravilhosa Verdade da Justificação pela Fé”; “O Pastor e suas Orações”; “Resistindo ao Diabo”; “Por que Jesus Pregou Tanto?”; “Conformidade com Cristo e o Servo de Deus”; “Sua Mente é Importante”.

O médico-missionário Charles Woodrow, conhecendo e lamentando o superficial entendimento da doutrina da salvação entre os pastores moçambicanos, falou sobre “Salvação: Seus Meios e Manifestações”. Karl Peterson apresentou algumas resenhas de publicações da Editora Fiel e falou sobre “O Servo de Deus e sua Leitura”.

Um fato importante na Conferência foi a presença do diretor da Editora Fiel, pastor Ricardo Denham. A Editora Fiel adquiriu

boa reputação em Moçambique, visto que fornece mensalmente livros a 26 pastores, através do *Projeto Biblioteca do Pastor*.

O norte de Moçambique ainda representa uma fronteira evangelística com amplas regiões de pessoas não-alcanceadas. Através do esforço de um pastor, que esteve na *Conferência Fiel*, 1600 pessoas vieram a Cristo e constituíram quatro igrejas, agora por ele pastoreadas. Outro pastor cuida das ovelhas de 32 igrejas em uma área onde o evangelho tem se expandido mais rapidamente do que o treinamento de líderes para assistir essas congregações. Imaginem o privilégio de enviar literatura bíblica consistente para homens como esse.

Compartilhamos em seguida palavras de dois irmãos a respeito da Conferência:

“Queridos irmãos em Cristo Jesus, através desta mensagem, endereço meus sinceros agradecimentos relacionados à primeira *Conferência Fiel* realizada em Moçambique. Não tenho palavras tão significativas, capazes de expressar meus agradecimentos. Quero dizer que me senti muito feliz pela Conferência. Os três dias inteiros em que participei foram oportunos para aprender a Palavra de Deus, como é necessário a todo ser humano. Para mim foi o primeiro seminário bíblico do qual tive o privilégio de participar; e foi muito proveitoso. Permitam-me agradecer pela organização da Conferência, pela atenção do pastor Carlos Peterson e pelas instruções do pastor Martin Holdt. Creio que ninguém esquecerá a explanação do Dr. Charles Woodrow a respeito de fé e obras. Estou orando por esse ministério.”

“Em termos de organização e horário das reuniões, a Conferência foi bastante louvável, bem como os ensinamentos e as respostas às perguntas feitas pelos participantes. A livraria da Editora foi outro instrumento que mexeu muito com os participantes, visto que todos os temas dos livros serviam de ajuda e encorajamento aos líderes.”

Orem por esse importante passo na vida e crescimento das igrejas evangélicas em Moçambique. O pastor Erroll Hulse será nosso preletor principal na segunda *Conferência Fiel*, em julho de 2001.

